

**ALFABETIZAÇÃO E DOCÊNCIA:  
UM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE.**

**Lourival José Martins Filho<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Trata-se de um artigo de cunho bibliográfico decorrente da realização de palestras de formação docente com destaque para contribuições do Pensamento de Paulo Freire e a prática pedagógica em alfabetização. São apresentadas dimensões, presentes na obra de Paulo Freire, que contribuem para o agir e o pensar de professores e professoras alfabetizadoras. Espera-se fortalecer e ampliar o debate em especial no centenário do nobre educador brasileiro.

**Palavras-chave:** Alfabetização, docência, Paulo Freire.

**ABSTRACT**

This is a bibliographic article resulting from lectures on teacher training, highlighting contributions from Paulo Freire's Thought and pedagogical practice in literacy. Dimensions are presented, present in the work of Paulo Freire, which contribute to the acting and thinking of literacy teachers. It is hoped to strengthen and expand the debate, especially in the centenary of the noble Brazilian educator.

**Keywords:** Literacy, teaching, Paulo Freire.

**PONTOS DE PARTIDA**

Este artigo é fruto de mais de 12 palestras realizadas para professores e professoras alfabetizadoras de todas as regiões do Brasil, por meio de convite de universidades e grupos de pesquisa, em comemoração ao ano do centenário do grande educador Paulo Freire.

E tocado pelo tema, como professor formador de professores alfabetizadores e pedagogos, pensei em dimensões na leitura de Paulo Freire que me tocam e me impulsionam a seguir. E tenho certeza de que tocam também cada alfabetizador/a que, ao ler este texto, luta por uma escola e uma educação mais democrática e inclusiva. Estou aqui, também, encharcado com este texto que não é apenas meu, pois se molha com a convivência com a

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina e Presidente da Associação Brasileira da Alfabetização. Cadernos da Fucamp, v.21, n.50, p.34-40/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina, e, em especial, com o Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente (NAPE) enquanto espaço de pesquisa e produção científica na Udesc.

### **A ABORDAGEM CRÍTICA**

Destaco, então, pontos que quero trazer para o centro do debate. O primeiro é uma dimensão que me marca na obra de Paulo Freire e que foi aprendida e apropriada a partir do livro *Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra* (1994), escrito por Paulo Freire e Donaldo Macedo que nos traz a perspectiva da abordagem crítica, a perspectiva da reflexão. Então, fica muito evidente que humano se educa, animal se treina, planta se cultiva. E nesse livro, aprendemos com Paulo Freire que o mundo não é, o mundo está sendo, e precisamos rever nossos conceitos sobre educação, escolarização e alfabetização. Com isso, a nossa luta permanente por uma escola pública, de qualidade, socialmente referenciada e que considera o ser humano alguém para ser mais, e sobretudo, capaz de refletir, de questionar, de admirar, de perceber-se no mundo. Então, essa perspectiva de entender que somos forjados, tecidos pela história e enquanto fazemos a história, vamos trabalhando, refazendo nossas escolas, nossas práticas pedagógicas em alfabetização, nossa própria existência. Essa perspectiva de admirar, de contemplar, de tomar distância, de questionar, de verificar, é algo nosso, do humano. Somos contra qualquer política que desconsidere o potencial criativo de cada professor/a alfabetizador/a, como alguém intelectual, como alguém que pode pensar a sua prática juntamente à sua rede ou sistema de ensino.

### **A DIMENSÃO POLÍTICA**

Em *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos* (2000), outra obra de Paulo Freire que apresenta uma importante reflexão, a dimensão política. Esta dimensão política está presente desde *Pedagogia do Oprimido*, desde *Educação como Prática da Liberdade*, desde os primeiros escritos de Freire, mas, nesse livro em especial, em uma palestra para educação de jovens e adultos, Freire deixa muito evidente a dimensão política, e é por isso que a obra de Paulo Freire é tão assustadora para alguns negacionistas de plantão. Porque Freire traz à tona a politicidade da educação, a intencionalidade do fazer docente. Nós que somos pedagogos estamos acostumados com as perguntas da didática: O quê?, Por quê?,

FILHO, L. J. M.

Como? e a dimensão dos conteúdos, dos objetivos, das estratégias, das possibilidades. Em outro viés, Freire traz nesse livro a dimensão: Para quem?, Para quê?, A favor de quem?, Contra quem?, ou seja, não existe o fazer neutro em educação. Tudo aquilo que é proposto em termos de política educacional tem por trás uma dimensão política, um olhar de mundo, uma concepção paradigmática que interfere nas decisões.

Logo, nós precisamos sempre pensar: a quem interessa o esfacelamento das universidades públicas brasileiras? Essa politicidade do ato pedagógico, do ato educativo, do fazer educação é uma coisa que Paulo Freire deixa bem evidente: a quem, contra quem, a favor de quem se molha e se nutre a nossa prática pedagógica? Então quando alfabetizamos com qualidade, crianças jovens, adultos e idosos, estamos de uma certa forma contribuindo na feitura de um mundo melhor.

## **O SUJEITO COGNOSCENTE**

Em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), Paulo Freire evidencia a dimensão do sujeito cognoscente. Em sua obra, ele diz que somos programados para aprender e impossibilitados de viver sem uma referência do amanhã, e que onde estiver homens e mulheres querendo ensinar deve haver homens e mulheres querendo aprender, não em uma relação sobre quem sabe mais para quem sabe menos, mas de quem vive junto e aprende junto, não é uma relação de A para B ou de B sobre A, mas de A com B e B com A. Desse modo, todos são sujeitos cognoscentes: se nasceu humano, aprende, tem capacidade de ser mais. Porque tudo em educação se reveste de intencionalidade, na leitura de Freire, nada em educação é neutro, o professor, ao fazer suas práticas pedagógicas com compromisso, com cumplicidade, considera o sujeito que aprende. Na educação infantil, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, no ensino médio, na EJA, na educação especial e inclusiva, na educação das relações étnico-raciais, em todas as possibilidades onde estiverem homem e mulher em processo de aprendizagem, nós temos que vê-los como sujeitos cognoscentes, capazes de usar, por isso que numa leitura da *Pedagogia da Autonomia*, nós temos a aprendizagem como foco, mas não no sentido neoliberal, eleitoreiro, episódico ou formador de apostilas não concebidas pelos professores. Aprendizagem como algo do humano, como alguém ao encontrar outra pessoa apaixonada criticamente por aquele objeto cognoscível, que é capaz de aprender, por isso que um professor alfabetizador, um professor da Educação Infantil, um professor universitário, que é apaixonado pelo seu saber, desperta

no outro o gosto por conhecer aquilo que ele conhece. Assim sendo, a relação pedagógica se nutre pelo diálogo e deixa de ser apenas uma transmissão daquilo que o professor tem em função do seu currículo programático, é opção de vida, é docência em movimento. É necessário reconhecer todo profissional da educação como ser da aprendizagem, capaz de ousar e contribuir na feitura de uma escola mais democrática e humana.

## **UM PROJETO PARA CAMINHAR**

Em *À Sombra desta Mangueira* (2000), outro livro maravilhoso, Freire diz que nós precisamos de um projeto para caminhar. Não importa se eu atuo no berçário, não importa se eu atuo no primeiro período com as pequenas infâncias, não importa se eu estou nos anos iniciais ou finais do ensino fundamental, no ensino médio, na educação superior, é preciso sempre de um projeto para caminhar e este projeto está implicado em concepção de mundo, em visão de pessoas, naquilo que a gente deseja para a nossa sociedade enquanto feitura de mundo. Então, na realidade, quando eu leciono alfabetização na Universidade do Estado de Santa Catarina, eu fico feliz, não só porque alfabetização é o meu objeto do conhecimento, mas também porque a partir da minha prática eu posso ajudar, contribuir na construção de um mundo mais equânime, mais solidário, mais inclusivo e é por isso que nós temos que lutar. Esse projeto para caminhar é fundamental, porque é na perspectiva do projeto que o professor se reveste daquela força em que o desânimo, a contradição lhe impede de prosseguir. Isso não significa, num olhar de Paulo Freire, cruzar os braços e deixar de lutar, pelo contrário, você na sua rede de ensino, no seu sistema de ensino, no seu município, você vai lutar em todas as frentes pela dignidade do magistério, pela valorização da carreira docente, pelo reconhecimento dos trabalhadores em educação, pela qualidade das nossas escolas enquanto espaços de aprendizagem, pela sua sala de aula enquanto um laboratório do saber. Você vai lutar com todas as estratégias por banda larga em todas as escolas, por espaços adequados. Mas essa luta no sentido da categoria, reveste-se também na luta permanente por uma alfabetização de qualidade, por uma docência de educação infantil de qualidade, em que o professor está ali com intencionalidade, desejando compartilhar saberes e que as pessoas ao se apropriarem são cúmplices nesse processo de construção.

FILHO, L. J. M.

## **A ALTERIDADE NO PERCURSO**

Em *Cartas a Cristina* (1994), outro livro muito bom de Paulo Freire, ele nos toca na perspectiva de saber o outro e reconhecer o saber do outro, não há saber mais nem saber menos, há saberes diferentes. Então, ler Paulo Freire é se recheiar de pressupostos que nos ajudam a ser contra qualquer forma de discriminação, de preconceito, de intolerância. Somos uma sociedade plural, somos uma sociedade polissêmica, com diversidade de categoria geracional, de cor, de raça, de sexo, de orientação sexual, de religião, de cultura, nós somos Brasis. Estes Brasis formam a nação e todos têm direito a uma educação de qualidade, a uma vida digna, a um reconhecimento do saber do outro, da sua cultura, da sua forma, da sua linguagem, do seu olhar, da sua música, da sua dança, da sua expressão, sempre na perspectiva da inclusão. Esse estar junto nem sempre significa conexão, posições antagônicas, contrárias e diferentes, devem ser defendidas sim, mas o nosso desejo é pela construção de uma outra sociedade com outra cor, com outro som, com outro tom, na qual o outro é reconhecido. Por isso que *Cartas a Cristina* (1994), como outros livros de Paulo Freire, é um convite a alteridade, ao reconhecimento das diferenças, e da diferença vista como algo do humano, mas não simplesmente algo que eu aceito, mas algo em que eu misturo como gente. Não há gente maior ou gente menor, há gente na feitura do mundo.

## **A PERGUNTA**

Em *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1998), livro escrito em parceria Antônio Faundez, Paulo Freire nos convida a pensar "Qual pedagogia?". Qual a pedagogia que nós pensamos em nossas práticas pedagógicas? Somos todos acostumados a uma pedagogia da resposta: João comeu o bolo de fubá. O que João comeu? O bolo. O bolo era de que? De fubá. Quem comeu o bolo? João. Quem fez o bolo? Não posso responder porque eu não sei, não estava na apostila. Quer dizer, somos acostumados a uma pedagogia da resposta, Paulo Freire nesse livro, como também no livro *Professora Sim, Tia Não* (2000), nos diz que a verdadeira prática pedagógica é aquela que gera pergunta, é aquela que gera inquietude, é aquela que impulsiona o cérebro a pensar, que faz o cérebro, a partir daquele questionamento, continuar perguntando, porque a gente aprende quando pergunta, e ao fazer novas perguntas, sempre na perspectiva de transformação do mundo, vamos superando, fazendo junto e construindo.

## CANSAÇO E ANESTESIA

Bom, eu ainda poderia trazer ao obra *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor* (1997), que Freire escreveu com Ira Shor, outro livro que aborda um tema atual quando fala do cansaço e da anestesia. O capitalismo e o neoliberalismo, em todas as suas contradições, o que estamos vivendo agora, muitos de nós ficamos cansados e anestesiados, impedidos de lutar, não acreditando mais, não fazendo mais. Mas a obra de Paulo Freire é para levantar, sacudir a poeira, e fazer a diferença nas nossas creches, nas nossas escolas de educação básica, nos nossos centros de educação infantil, nas nossas universidades, na perspectiva de entender que também está nas nossas mãos a formação das pessoas, está nas nossas mãos a feitura de um outro mundo que passa por essa perspectiva da rede. Precisamos estar juntos, entidades, associações, movimentos, todos na construção de um outro Brasil. Portanto, que esse cansaço e essa anestesia que estão em nós, não nos tire a ousadia de fazer uma educação, uma prática pedagógica cada vez melhor.

## O ESPERANÇAR

Em *Pedagogia da esperança* (1999), Paulo Freire fala do inédito viável, esse assunto é muito importante, porque o inédito viável é sobre termos a convicção das condições concretas que temos, lutar para melhorá-las e continuar fazendo. Por fim, em *Educação e Mudança* (1999), Paulo Freire nos ensina a espera consciente, a espera impaciente e paciente na perspectiva que enquanto falamos sobre o mundo que queremos, vamos fazendo ele. Então, eu não posso pensar a minha prática e ficar apenas no "blá blá blá" neutro, à medida eu falo vou tecendo novas possibilidades de docência, de alfabetização, de sociedade e de escola que passam sobretudo pelo que estão dizendo agora de "esperançar". Ler Paulo Freire é esperançar que um outro país é possível, uma outra educação é possível, uma outra escola é possível, uma outra prática pedagógica é possível.

FILHO, L. J. M.

## **AINDA COMPARTILHANDO**

Por fim, desejo que os aspectos da abordagem crítica, a dimensão política, o sujeito cognoscente, o pensar um projeto para caminhar, a alteridade no percurso, a pergunta, a superação do cansaço e da anestesia, o esperar, possam contribuir nas reflexões deste lindo simpósio e colaborar na prática profissional de professores e professoras alfabetizadores/as que buscam uma escola mais democrática e inclusiva, onde todos(as) possam dizer as suas palavras. O segredo é fazer junto. Sofre-se mais, mas quando todos(as) participam desde o início o processo é muito mais bonito e solidário.

## **BIBLIOGRAFIA**

- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 10. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. v. 15.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.